

SOBRE A ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS COMUNITÁRIOS NO EXTREMO SUL DA CIDADE DE SÃO PAULO.

ON THE SOCIOCULTURAL ANIMATION AND THE PROCESS OF BUILDING COMMUNITY TIES IN THE EXTREME SOUTH OF THE CITY OF SÃO PAULO.

Juliana Pedreschi Rodrigues¹
Paula Caroline de Oliveira Souza²

Universidade de São Paulo
Brasil

RESUMO

O presente relato tem como objetivo apresentar a experiência do Nodo Brasil da Rede Iberoamericana de Animação sociocultural que através de sua parceria com a Ação Comunitária do Brasil – Vocação e com a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP, vem desenvolvendo formações no campo da educação não formal e da animação sociocultural desde o final do ano de 2014. A proposta desta parceria foi fazer o exercício da teórica e prática, levando animadores que trabalhavam nas comunidades da zona sul da cidade de São Paulo para formações em equipamentos culturais e na Universidade de São Paulo e, da mesma forma, levar professores e estudantes da universidade para formações e vivências nas comunidades. Esse esforço resultou em encontros tematizados a partir do interesse e necessidade das comunidades envolvidas e em aprendizagens e experiências significativas para todos os participantes.

PALAVRAS-CHAVE:

Animação sociocultural; Desenvolvimento comunitário; Abordagem colaborativa.

1 Professora do Curso de Bacharelado Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo - EACH/USP. Presidenta do Nodo Brasil da Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural. Contato: julianaprodriques@usp.br

2 Animadora sociocultural, pesquisadora e gestora de projetos. Vice Presidenta do Nodo Brasil da Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural. Contato: paula.lzt@gmail.com

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

SUMMARY

The present report aims to present the experience of the Node Brazil's Iberoamericana Network sociocultural animation that through its partnership with Ação Comunitária do Brasil – Vocação and the School of Arts, Sciences and Humanities of the University of São Paulo - EACH/USP, is developing training in the field of non-formal education and socio-cultural activities since the end of 2014. The purpose of this partnership was to exercise the theoretical and practical, leading animators working in the communities in the south of the city of São Paulo to training in cultural facilities and the University of São Paulo and, likewise, lead teachers and university students for training and livings in the communities. This effort resulted in thematised dating from the interests and needs of the communities involved in learning and meaningful experiences for all participants.

KEYWORDS:

sociocultural animation; community development; collaborative approach.

1. INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo, localizada no Estado de São Paulo, na região sudeste do Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ocupa um território de 1.509 km² e reúne uma população aproximada de 11.376.685 habitantes, o que significa uma densidade populacional de 7.387,69 habitantes por quilômetro quadrado³.

Apesar de ser o principal centro financeiro e mercantil da América Latina, a rica capital paulista é demarcada ainda no século XXI por inúmeros contrastes e contradições. Essa cidade mundialmente conhecida pelo desenvolvimento de algumas regiões repletas de empreendimentos comerciais sofisticados, tecnologia e condomínios de luxo, também exhibe áreas periféricas com moradias precárias, desprovidas de lazer e serviços considerados essenciais em uma cidade desenvolvida.

³IBGE, Diretoria de Pesquisas - DPE, Coordenação de População e Indicadores Sociais – Copis.
www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2010

Tais problemas, em seu conjunto, intensificam ainda mais as desigualdades, contribuindo para a exclusão da população mais pobre que vive nessas regiões e favorece a expansão de um processo que Pochmann (2003) denomina negativos urbanos da metrópole.

Em sua maioria, distantes dos locais com maior oferta de serviços públicos e privados, esses locais, favelas ou bairros carentes, podem ser encontrados em diferentes regiões do estado e da cidade de São Paulo, locais que se identificam pela ausência de infraestrutura urbana e pela ausência de serviços públicos imprescindíveis em uma cidade moderna.

Conforme aponta Bonduki (2004), em seu estudo sobre a origem da habitação social em São Paulo, as favelas e os bairros pobres paulistanos surgiram a partir dos anos de 1940 por força do próprio Estado que removeu famílias de locais de risco ou em decorrência de obras públicas, principalmente as viárias, encaminhando-as para outras áreas públicas localizadas em regiões mais periféricas da cidade como uma alternativa de moradia provisória. Com o passar do tempo, e sem nenhuma estrutura básica, esses locais esquecidos pelo poder público, ganham novos moradores em um ritmo acelerado e, ao mesmo tempo, não se desenvolvem como o desejado e esperado. Nestes locais, de moradia pobre, as histórias e trajetórias de vida dos moradores se assemelham. Em sua maioria essa população é composta por famílias de origem simples, de trabalhadores do campo ou estados distantes do Brasil, em grande parte sem ou com pouca escolaridade e formação profissional, em especial, da região nordeste que, em decorrência de grandes períodos de seca e da miséria por ela gerada, entre os anos de 1950 e 1990 migraram em grande número para a região centro sul do Brasil em busca de oportunidades de trabalho e condições dignas de vida.

Para Rolnik (2004) o crescimento acentuado das áreas consideradas periféricas e dos bairros pobres, bem como das favelas da capital paulista foi também intensificado pela especulação imobiliária, pela crise financeira dos anos de 1990, responsável pela diminuição da oferta de emprego e da renda dos trabalhadores que contribuiu com o aumento da pobreza. Dados levantados pela autora mostram que [...] em 1973, 1% da população de São Paulo morava em favelas; em 1980 esse número salta para 4%, chegando a 8% (1,15 milhão) no início dos anos 1990 e no ano 2000 (1,16 milhão) de pessoas (ROLNIK, 2004, p. 4).

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Copyleft: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

2. APRESENTANDO A ZONA SUL DA CIDADE DE SÃO PAULO

Segundo dados da Prefeitura de São Paulo⁴ a Zona Sul de São Paulo é uma região administrativa constituída pelas subprefeituras da Capela do Socorro, de Campo Limpo, de Cidade Ademar, de Parelheiros, e do M'Boi Mirim. De acordo com o censo de 2010, tem uma população aproximada de 2.300.638 habitantes e ocupa um território de 607 km². Para melhor compreensão seguem mapas⁵ de localização do país, estado e cidade de São Paulo e da Zona Sul da cidade desta cidade.

Brasil e Estado de São Paulo (em vermelho)



Cidade de São Paulo (em laranja)



4 http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/secretarias/planejamento/plano_diretor/Plano_Municipal_Habitacao

5 http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/arquivos/guia/mapas/0001/mapa_subprefeituras.jpeg small>

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Copyleft: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

Zona Sul cidade de São Paulo (em cinza)

Os bairros dos subdistritos de Campo Limpo, Capela do Socorro, Cidade Ademar e M'Boi Mirim, localizados no extremo Sul da cidade de São Paulo e adjacências, são localidades com altos índices de vulnerabilidade social, porém com vasta lista de iniciativas organizadas visando o acesso à cultura, à saúde, à educação, a melhoria da infraestrutura urbana, dentre outras reivindicações imprescindíveis para garantir uma vida digna.

Em geral, nesses bairros, encontramos os coletivos e as lideranças comunitárias que não se resignam com a ausência de direitos sociais e, por isso, reagem, se organizam e organizam toda a comunidade para lutar por eles. E é nessa luta a animação sociocultural tem um importante papel.

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Copyright: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

3. O EXTREMO SUL DA CIDADE DE SÃO PAULO E O NODO BRASIL DA REDE IBEROAMERICANA DE ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL: SOBRE A CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO ANIMADORES E LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS.

Foi em abril de 2014, na cidade de Golegã, Portugal, durante o I Congresso Internacional de Animação Sociocultural, o nosso primeiro contato com um dos conferencistas, o Professor Victor Ventosa, docente da Universidade de Salamanca e presidente da Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural - RIA. Foi exatamente nesse congresso, após conversas com esse professor, com pesquisadores e militantes da área da animação que a ideia de criação do Nodo Brasil da RIA começou a ser fecundada.

Nesta ocasião parte dos atuais integrantes do Nodo Brasil, professores da universidade de São Paulo, educadores sociais e animadores socioculturais de uma organização não governamental, a Ação Comunitária do Brasil - Vocação, apresentaram pesquisas desenvolvidas no Brasil relacionadas com o campo da educação não formal, do lazer e do meio ambiente. Ao retornarmos ao Brasil reunimos esforços para que, universidade e a organização não governamental Vocação pudessem de alguma forma, promover pesquisas e formações na área da animação. Visando estreitar laços com a RIA Internacional, em agosto de 2014, profissionais da Universidade de São Paulo e da Vocação, organizaram uma agenda de atividades, um conjunto de seis palestras sobre educação não formal e animação sociocultural⁶ em parceria com o Centro de Pesquisa e Formação do Serviço Social do Comércio, o CPF/SESC.

Esse programa que precedeu a criação do Nodo Brasil teve como propósito reunir profissionais que trabalhavam, direta e indiretamente, com a animação sociocultural para que socializassem suas experiências com outros profissionais e estudantes interessados em conhecer a Animação sociocultural em seu diálogo com a educação não formal.

O **primeiro encontro** contou com a presença do professor Victor J. Ventosa Pérez que abordou o tema: Pesquisas e experiências da Espanha, a palestra analisou de maneira inédita as relações entre a educação não formal como âmbito educativo e a animação sociocultural como uma metodologia de participação capaz de intervir no processo educativo.

⁶ <http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/educacao-nao-formal-e-animacao-sociocultural>

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Encontros de Educação não formal e Animação Sociocultural em CPF/SESC



Fonte: registro das autoras



No **segundo encontro**, pretendeu-se tratar das relações existentes entre a animação sociocultural, o lazer e a educação não formal a partir de estudos desenvolvidos no Brasil, Portugal e Espanha, e da aproximação desses debates com a prática profissional de educadores da escola formal e não formal, de educadores sociais, de agentes e animadores socioculturais que atuam no setor público, privado e no terceiro setor; e, ainda, discutir o papel da Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural na Europa e América Latina.

No **terceiro encontro**, as professoras doutoras Olga von Simson e Livia Morais Garcia Lima, abordaram o tema, Turismo, animação sociocultural, educação não formal como âmbitos da educação não formal, “analisando-se o papel e as possibilidades da atividade turística na educação, reabilitação e promoção do patrimônio, e como parte integrante da discussão do tempo livre e do lazer no campo da animação sociocultural e seus desafios na sociedade atual”.

No **quarto encontro**, a educadora social Deise Rodrigues Sartori, gerente do Centro de Desenvolvimento Comunitário da Ação Comunitária – Vocação, fez relatos sobre o “Programa de Formação Continuada de Lideranças Comunitárias” voltados para a valorização e fomento da participação comunitária, ações culturais e de lazer na comunidade ou em outros espaços da cidade, e sobre como promover a convivência e a aprendizagem coletiva através da criação de estratégias

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Copyleft: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

de trabalho em que a animação sociocultural, em diálogo com a Abordagem Colaborativa, possibilitou o desenvolvimento de ações socioculturais e favoreceu experiências de troca nas comunidades.

O **quinto encontro** abordou a educação de Jovens e Adultos. Neste encontro foram apresentadas as experiências desenvolvidas no Museu de Arte Contemporânea da USP, a exemplo do programa Ver e Ler, realizado em parceria com a Delegacia Regional de Ensino de São Paulo, e que teve o objetivo de desmistificar os museus e as instituições culturais como um local restrito a poucos, de difícil acesso, mudando o sentimento de exclusão comum entre jovens e adultos não alfabetizados. As gestoras da secretaria municipal e ensino e do Museu de Artes Contemporânea teve como proposta discutir as experiências de formação desenvolvidas em espaços não escolares com jovens e adultos, a exemplo de centros culturais e museus, refletindo sobre as formas alternativas de ensino-aprendizagem na atualidade.

No **último encontro** todos os participantes visitaram uma organização não governamental, Casa do Zezinho, criada pela pedagoga Dagmar R. Garroux, nos anos 1970, com o propósito de receber crianças de bairros da zona sul da cidade de São Paulo. Segundo relato da pedagoga “as ações primam em educar para a vida, o aprender a ser e a conviver, um conjunto de estratégias de ensino e aprendizagem que têm a arte como cenário, e o descobrir-se como pessoa de direitos e deveres, num espaço de dignidade e respeito” (CPF/SESC, 2014). Neste mesmo período, setembro de 2014, o professor Victor Ventosa pôde visitar bairros da zona sul da cidade de São Paulo e participar de atividades com educadores, animadores e gestores, da Ação Comunitária - Vocação e em outra organização não governamental, o Projeto Viver. O encontro com o professor foi um momento de muita importância para os profissionais que o receberam e solidificaram a ideia de constituição do Nodo Brasil.

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Copyleft: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

Visita do Prof. Dr. Victor Ventosa a equipe do Centro de Desenvolvimento Comunitário da ONG Vocação e parceiros Auriverde, na Zona Sul da cidade de São Paulo.



No ano de 2015, com o nodo já constituído, uma agenda de encontros de formação foi elaborada. A proposta foi a de levar animadores que trabalhavam nas comunidades da zona sul para formações na universidade de São Paulo e, da mesma forma, levar professores e estudantes da universidade para formações nas comunidades. Esse esforço resultou em cinco encontros tematizados a partir do interesse e necessidade das comunidades envolvidas.

No primeiro encontro da RIA, o de apresentação do Nodo Brasil, ocorrido em outubro de 2014, na Escola de Artes, Ciências e Humanidades – Universidade de São Paulo – EACH/USP, o objetivo foi debater o tema: A Animação Sociocultural e o perfil de educador cultural e do animador sociocultural. Os formadores responsáveis pela formação que teve a duração de oito horas foram os educadores, Deise R. Sartori, Alípio Rodrigues, Reinaldo Pacheco.

No mês seguinte, em 27 de novembro de 2014, em parceria com estudantes do curso de Bacharelado em Lazer e Turismo, a Jornada de Lazer e Turismo – EACH USP, e a palestra sobre animação sociocultural sob a coordenação dos professores Alípio Rodrigues e Luiz Wilson Pina.

No ano de 2015, entre os meses de maio e novembro, as formações prosseguiram e os temas diversificaram-se. Dentre as principais formações e eventos destacamos, por exemplo, questões sobre o "Mapeamento": como mapear e como divulgar espaços e atividades culturais, palestra realizada na ONG Projeto Viver, localizada no Jardim Colombo, zona sul da cidade de São Paulo.

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

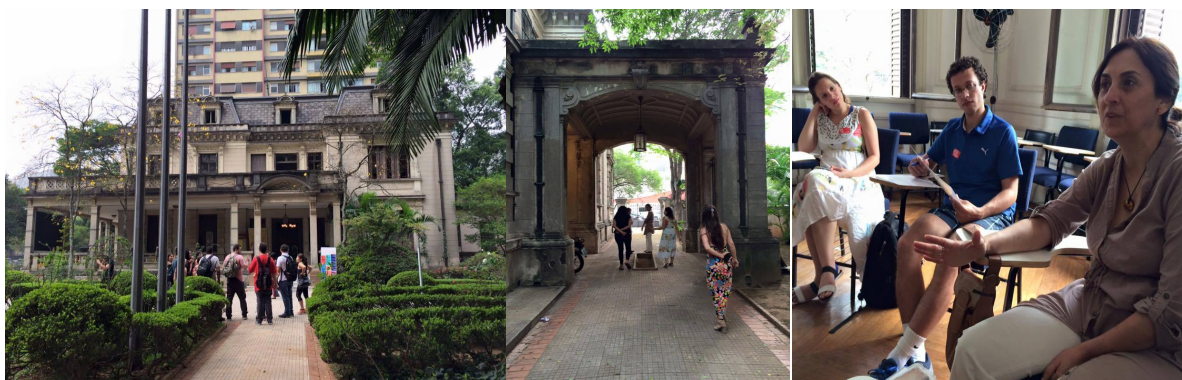
Copyleft: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

Parte do grupo em Mapeamento e Cartografia antes de saída para prática no Jardim Colombo, zona sul da cidade de São Paulo.



No mês de julho o Nodo Brasil e equipe do Centro de Desenvolvimento Comunitário da Vocação participaram, apresentando um relato de experiência, do I Encontro Latino Americano de Educadoras e Educadores Sociais: “Educação Social no contexto Latino Americano: Perspectivas e Desafios”⁷, evento realizado na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, na cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo. Em setembro de 2015 o tema escolhido foi a “Gestão e atuação profissional da Casa das Rosas: experiências, memórias e trabalho intergeracional e a importância dos espaços culturais na cidade para a elaboração de roteiros culturais”. Nesta ocasião as gestoras Anelise Csapo e Luciana Felix relataram as suas experiências de gestão da Casa das Rosas, um importante equipamento cultural da cidade de localizada na avenida Paulista – Zona Sul.

Grupo em formação RIA na Casa das Rosas



Em

outubro o Centro de Desenvolvimento Comunitário – Vocação realizou o Seminário “Mobilização

⁷Ver: <http://www.cac.preac.unicamp.br/?p=1779>

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Copyleft: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

Comunitária: Experiências Colaborativas”, momento em que ocorreu o lançamento do livro: “Desenvolvendo Vínculos Comunitários”. Participaram do evento pesquisadores, educadores, líderes comunitários e representantes do Nodo Brasil

Seminário Mobilização Comunitária: Experiências Colaborativas



3.2. Sobre a importância da pesquisa e da produção de conhecimento no processo formativo.

A pesquisa e produção de conhecimentos é uma premissa defendida na Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural e, conseqüentemente, também na RIA Nodo Brasil, avançando com o que cada membro já defende em seus trabalhos cotidianos. Em meio às formações, uma vivência a ser relatada está na valorização da sistematização de experiências realizada ao longo do projeto da Vocação – “Famílias que Educam” refletindo o resultado e detalhes de ações que estiveram ligadas ao conteúdo das formações RIA de 2014 e 2015. Assim sendo o livro “Construindo Vínculos Comunitários”⁸⁰ é resultado da união entre teoria e prática desenvolvida no eixo – Produção e Disseminação de conhecimento defendido pela organização citada. Desta forma, além da presença de animadores socioculturais – diferencial na nomenclatura assumida pela organização – participou da equipe a autora deste artigo, Paula Caroline de Oliveira Souza, com função específica para esta sistematização e relação teoria e prática. Assim, em parceria com a RIA – Nodo Brasil, esta obra foi escrita junto, da também autora deste artigo, a professora Juliana Pedreschi Rodrigues da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo.

⁸⁰ O livro “Construindo Vínculos Comunitários” pode ser adquirido gratuitamente por meio do link <http://www.vocacao.org.br/downloads/Construindo-vinculos-comunitarios.pdf>

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Copyright: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

Consideramos a relação teoria e prática, no processo formativo, de extrema importância. Para que as equipes saibam como lidar com as intervenções comunitárias, faz-se necessário que atuem numa relação constante entre estudos e análises, junto às ações práticas. Neste caso, o desafio esteve em não reescrever obras e sim reconhecer as experiências multiplicando de forma a contribuir com os avanços do trabalho e atuando com soluções aos desafios encontrados.

Para esta produção de conhecimento foi definida a pesquisa participativa como método central, com base nos princípios ABCD e ASC. Houve a imersão da pesquisadora nas práticas e nas formações de equipe, como orientadora de metodologia, onde seguia os princípios defendidos, como por exemplo, o de “escutar para além dos ouvidos”, “olhar além do que é mostrado”, “reconhecer capacidades e conectar pessoas”.

Como metodologia, houve as etapas de: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação participante, coleta de depoimentos, entrevistas semiestruturadas, realização de grupos focais, encontros participativos para coleta de conteúdo, formações com lideranças comunitárias, formação de animadores socioculturais e formação com planejamento em conjunto de educadores culturais. Todas estas formações eram articuladas de modo a discutir e empoderar as equipes e grupos para as ações com a realidade nas comunidades. Além disto, as formações da RIA davam suporte direto na disseminação e relação técnica de aprendizagem e de vivências com visitas técnicas e culturais que ampliavam os horizontes dos profissionais junto a outros de diferentes áreas de São Paulo. A construção deste livro foi uma experiência viva, capaz de refletir em palavras ditas por líderes e gestores comunitários “sim, esta obra faz sentido para nós, porque nos enxergamos nela”. O professor Victor Ventosa convidado para fazer o prefácio, afirmou que o livro

(...) ofrece de una manera clara, útil y estructurada, una muestra óptima de cómo llevar a la práctica esta meta de la Animación Sociocultural en contextos desfavorecidos y con niños, jóvenes y familias, a través del empoderamiento de sus líderes y el despliegue de las potencialidades creativas, expresivas y ocupacionales de sus destinatarios. [...] Con ello, se consigue dar un salto cualitativo en el camino del reconocimiento social y profesional de la animación sociocultural, pasando de una primera y ya superada etapa casuística y testimonial del mero intercambio de experiencias, a la etapa de la sistematización y fundamentación de las mismas. (RODRIGUES, RODRIGUES E SOUZA, 2016, P.6).

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Copyleft: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

A obra foi lançada no Seminário “Mobilização Comunitária: experiências colaborativas” e no Congresso Internacional – O Animador Sociocultural do Século XXI, realizado na cidade de Barcelos, em Portugal e organizado pelo renomado pesquisador e militante da animação sociocultural, o professor doutor Marcelino de Sousa Lopes da Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Para saber o que é Animação Sociocultural é preciso fazer e viver a animação na prática”.

Victor Ventosa

As formações da RIA – Nodo Brasil, foram planejadas conforme a união das perspectivas desenvolvidas junto às equipes que as integram. Um dos pontos em destaque foi a união entre a Animação Sociocultural e a Abordagem Colaborativa ou ABCD – *Asset-Based Community Development* (Desenvolvimento Comunitário Baseado em Talentos e Recursos Locais), com base em Neumann e Neumann (2004), estratégia desenvolvida pelo Centro de Desenvolvimento Comunitário da ONG Vocação para intervenções comunitárias junto ao aprofundamento das temáticas via parceria com os professores da Universidade de São Paulo.

Desta forma, foram identificadas oportunidades de ampliar esta estratégia de junção de perspectivas adaptadas ao grupo organizador da RIA - Nodo Brasil, refletindo em ações que refletissem o empoderamento dos participantes, o acolhimento – desde o ambiente, café de boas-vindas, recepção ao grupo -, busca por parcerias e, principalmente o **caráter multiplicador e conector**, com os atores sensibilizados a serem protagonistas da transformação que almejam.

Por meio da disseminação dos conceitos da ASC de maneira participativa, as formações foram planejadas de acordo com o interesse dos grupos de animadores socioculturais que atuam nas comunidades e educadores que compõem equipes. Assim, além dos conteúdos serem sinalizados inicialmente pelo grupo participante e atualizado contemplando as sinalizações apontadas nas avaliações de cada encontro de formação realizado, os locais de formação também foram diversificados para atender este perfil multiplicador. Universidades, organizações sociais, **Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.**

Copyleft: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza

equipamentos culturais foram articulados para que o grupo pudesse conhecer e valorizar os espaços da cidade, sendo uma proposta **itinerante**, e ao mesmo tempo integrar profissionais de perfis complementares permitindo expandir oportunidades de disseminar conhecimentos neste setor.

As formações, além de itinerantes, representaram uma oportunidade de aproximar profissionais com as mais variadas nomenclaturas⁹, comum aqui no Brasil, mas que atuam no campo da Animação Sociocultural. Para isto, as formações são pautadas em grupos assíduos, porém, são abertas e foram gratuitas, adaptadas aos participantes também em relação à duração, sendo algumas de período integral e outras realizadas em meio período.

Outra oportunidade valiosa deste perfil de formação, foi ele ser um espaço de conexões e de identificação de profissionais para compor as equipes das organizações envolvidas para suas equipes, como, por exemplo, a contratação de animadores socioculturais à equipe da ONG Vocação, por meio da identificação de potenciais em desempenho nas formações RIA.

A movimentação entre espaços e diferentes profissionais também destacou o valor dado pelo grupo RIA – Nodo Brasil às parcerias e reconhecimento de seus parceiros, tanto nas formações como com estudantes de uma *Empresa Júnior* organizada por estudantes de Lazer e Turismo da Universidade de São Paulo, que ofereceu os seus serviços para facilitar as formações, dando suporte aos facilitadores e organização do espaço.

Por fim, o perfil das formações da RIA – Nodo Brasil refletem as possibilidades da animação sociocultural como promotora de situações de aprendizagem em que os participantes possam aplicar, em seu cotidiano, tudo aquilo que aprenderam na teoria. Para nós, do Nodo Brasil, a relação teoria e prática é o ponto principal de partida para proporcionar experiências mais ricas, significativas e para disseminar formas concretas de participação seja através de ações da universidade, da formação em organização não governamentais ou como auxílio nos processos de organização e desenvolvimento de comunidades de nossa cidade.

⁹ No Brasil o termo ASC ainda é pouco conhecido, por isso os profissionais que trabalham nessa área são conhecidos por educador cultural, agente cultural, monitor, instrutor, dentre outras designações semelhantes.

REFERÊNCIAS

Bonduki, N. (2004). **Origens da habitação social no Brasil**. São Paulo: Estação Liberdade.

Neumann, I. T. V.; Neumann, R. A. (2004) **Desenvolvimento comunitário baseado em talentos e recursos locais – ABCD**. São Paulo, SP: Global; Instituto para o Desenvolvimento de Investimento Social.

Pochmann, M. (Org.). (2003). **Outra cidade é possível: alternativas de inclusão social em São Paulo**. São Paulo: Cortes

Rolnik, R. (2004). **Territórios demarcados: favelas e condomínios**. São Paulo 450 anos. 2004. Disponível em: http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/3-1_territorios_demarcados.asp#

Rodrigues, D. S., Rodrigues, J. P., Souza, P. C. de O. (2015). **Construindo Vínculos Comunitários**. São Paulo: Ação Comunitária do Brasil/FUMCAD.

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Pedreschi Rodrigues, Juliana; de Oliveira Souza, Paula Caroline (2016); Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo .; en <http://quadersanimacio.net> ; nº 24, julio de 2016; ISSN: 1698-4404

Sobre a animação sociocultural e o processo de construção de vínculos comunitários no extremo sul da cidade de São Paulo.

Copyright: Juliana Pedreschi Rodrigues, Paula Caroline de Oliveira Souza